

# “Não há palavras para descrever o inferno que vivemos”

**ORLANDO DRUMOND**  
odrumond@dnnoticias.pt

Ao final da manhã de ontem permaneciam ‘retidos’ na Escola do Porto Moniz um total de 27 munícipes, seis crianças e 21 adultos, entre os quais quatro acamados, revelou José Sequeira da Costa, responsável pelo estabelecimento de ensino que foi local de abrigo para os ‘desalojados’.

Uma operação que começou a meio da tarde do dia anterior “com a evacuação dos idosos do Lar dos Lamaceiros”, inicialmente para o pavilhão gimnodesportivo, mas, entretanto, reencaminhados para outra(s) unidade(s), nomeadamente o Lar de Ponta Delgada.

Com o agravar do incêndio, ao final da tarde os alunos residentes nas zonas altas já não regressaram a casa. Pernoitaram na escola. A estes juntaram-se as dezenas de adultos também evacuados face ao aproximar do fogo dos locais de residência.

Quem passou pelo Porto Moniz ainda de manhã foi Humberto Vasconcelos. O ainda secretário com a tutela da Agricultura não perdeu tempo e comprometeu o Governo Regional na ajuda a prestar aos agricultores e produtores de gado. Anunciou que já ontem iria ser disponibilizado aos produtores de gado nos dois concelhos fortemente atingidos pelo incêndio, rações e feno, a serem atribuídos no Mercado Abastecedor dos Prazeres e na Estação Zootécnica do Porto Moniz. Prometeu ainda apoio para os apicultores afectados e outras compensações para quem sofreu perdas causadas pelo incêndio. Destacou a pecuária como um dos sectores mais afectados, ao concluir que “muitos animais morreram”.



Nas Achadas da Cruz e na parte alta do Porto Moniz são muitas as marcas do incêndio. FOTOS: ASPRESS

Apesar da aparente acalmia vivida ontem, ao início da tarde uma frente que lavrava na arriba sobranceira ao mar, relativamente perto da zona onde estão instalados os equipamentos desportivos e escolares, ge-

rou alguma preocupação, e obrigou a reposicionar meios no terreno para prevenir a aproximação do fogo. Trabalho feito em grande parte pelas eficazes descargas do helicóptero, que acabou por sustentar o avanço das labaredas.

A meio da tarde uma caravana de carros rumou à zona alta do Porto Moniz, assim que a estrada reabriu.

Na zona dos Lamaceiros, entre o fumo e a terra queimada, encontramos Domingos Gorgulho. “Não há palavras para descrever o inferno que vivemos”, começou por responder.

O morador na localidade descreveu “um cenário de terror” para caracterizar a angústia vivida na noite anterior.

“Não foi nada fácil e de noite as coisas complicam-se mais”, admitiu. Também “os meios não eram os suficientes porque os bombei-

mente as casas safaram-se”, assinalou, admitindo apenas que o fogo possa ter destruído algum palheiro.

“Agora é renascer das cinzas”, manifestou. “Nunca passei por situação semelhante e espero nunca voltar a passar”, desejou.

## Helicóptero determinante

Já com os incêndios em fase de rescaldo, o presidente do Governo Regional passou, ao final da tarde, pelo posto de comando de operações, no sítio da Santa, no Porto Moniz, onde destacou a importância do meio aéreo no combate a fogos.

“Foi muito importante e é muito importante para a Madeira termos o helicóptero”, afirmou, ao dar conta que desde o Verão o ‘heli’ já realizou cerca de 250 horas de voo nas 35 operações de “apagamento de fogos”.

Acabado de regressar à Madeira após semana ausente, Miguel Albuquerque reforçou a convicção de “fortes indícios de fogo posto” nestes incêndios, apesar do Verão com temperaturas atípicas agravado pelas “temperaturas superiores a 30 °C em média na Região com ventos fortes”, declarou, referindo-se às últimas semanas.

Porque a prioridade dos bombeiros é “salvaguardar a vida das pessoas e as habitações”, considerou o efectivo regional suficiente e com “meios adequados” para enfrentar incêndios como os ocorridos esta semana, convicção reforçada ao lembrar que na sua carreira política são já “mais de 20 incêndios graves”.

Relativamente à ajuda de Lisboa, justificou a vinda de contingente que ontem chegou à Madeira quando “a situação ficou um pouco descontrolada” pelo fogo, embora reitere que em matéria de contenção dos fogos “tudo foi efectuado com eficácia” por quem já estava no terreno.

Acompanhado do secretário com a tutela da Protecção Civil, Pedro Ramos, e o presidente da Câmara do Porto Moniz, Emanuel Câmara, o líder madeirense anunciou que “uma pessoa ficou desalojada”, além de “algumas casas” afectadas pelo fogo.

Já quando confrontado com a realização de prova de motocross, este fim-de-semana, ‘na área ardi-da’ da Fajã da Ovelha, admitiu que “se houver condições de segurança, não tem problema”. Ainda assim, remeteu para a Protecção Civil o poder de decisão assente no pressuposto de que “a segurança está em primeiro lugar”.

## “FOI MUITO IMPORTANTE E É MUITO IMPORTANTE TERMOS O HELICÓPTERO”

ros andavam em tudo quanto era canto. Estivemos aqui umas duas ou três horas entregues à nossa sorte”, diz, ainda mal refeito da agitação vivida.

“Felizmente conseguimos combater com a ajuda deles (bombeiros) e antes de eles chegarem já tentamos ir resolvendo a situação, porque os bombeiros não tinham mãos a medir”, admitiu.

Apesar de tudo, garante que naquela zona praticamente só queimou floresta e zona de mato. “Feliz-



Domingos Gorgulho diz ter vivido o “inferno” na madrugada de ontem.



## ● INCÊNDIOS



Apesar de ontem, depois do amanhecer, até ter sido um dia calmo para as corporações, a intervenção do 'heli' revelou-se fundamental para conter a propagação de alguns focos de incêndio.

# Na Santa viveram-se “momentos horrorosos”



O incêndio também deixou muitas marcas na Estrada Regional. FOTOS: ASPRESS

**ORLANDO DRUMOND**  
odrumond@dnoticias.pt

Ao amanhecer de ontem o pior já tinha passado nas zonas afectadas pelo temível incêndio que durante a noite desceu as encostas sobranceiras à Vila do Porto Moniz.

O cheiro a queimado e o fumo que pairava no ar e criava uma cortina de neblina denunciavam uma noite agitada para as populações directamente afectadas, com especial incidência para os residentes nos sítios da Santa e dos Lamaceiros, depois de na véspera à tarde o lume ter 'varrido' a freguesia das Achadas da Cruz.

Com a estrada 'cortada' pelas autoridades (GNR) no entroncamento defronte ao edifício da Câmara Municipal, dezenas de munícipes ali (des)esperaram ordem para poder

subir. Inclusive quem conseguira descer do “cenário dantesco” que vivera na ‘Santa do Porto Moniz’ para vir resgatar os filhos que foram obrigados a ‘fugir’ e a passar a noite fora de casa e sem saberem dos pais, perante o ‘inferno’ que vinha em direcção a casa.

Cenário descrito por Cristina Babau, ainda mal refeita do susto de morte que diz ter enfrentado na tarde anterior, na companhia do marido.

Moradora numa casa envolvida pela floresta no limite da freguesia do Porto Moniz, Cristina descreveu o “cenário dantesco” que vivera quando o lume rodeou a casa.

Apesar de a moradia ficar situada junto da estrada, ficou entregue à sua sorte e do marido, porque ambos ousaram enfrentar o lume que devo-

**“AQUILO VINHA DE CIMA, VINHA DE LADO, CHEGOU A UM MOMENTO FICOU INCONTROLÁVEL”**

rava tudo à volta. Como se as chamas aterradoras não bastassem, o intenso fumo limitava a vontade do casal em fazer frente ao inimigo. “Foram momentos horrorosos”, disse de voz ainda embargada.

Descreveu que estava em casa na companhia dos três filhos quando começou a sentir o cheiro a queimado. Não tardou o barulho aterrador do fogo à aproximar-se fazia ‘soar o alerta’.

A prioridade foi mandar os filhos para a escola, na Vila do Porto Moniz, e, entretanto, já com a companhia do marido, ambos ousaram (tentar) enfrentar o fogo voraz que queimava tudo à volta. Uma luta quase inglória quando ambos perceberam que além do fogo também o denso fumo era um inimigo poderoso. Escaparam ao “inferno” debaixo de apendrer. Como

que por milagre ambos sobreviveram e a casa escapou.

Sem água nem comunicações, pela manhã de ontem Cristina desceu à Vila, numa viagem atribulada e arriscada perante os escombros que foi encontrando pela estrada. Fora re(a)ver os filhos que passaram a noite acomodados na escola, que suspendera as aulas nesta sexta-feira.

Madrugada de ansiedade e mesmo de angústia viveu Carla Lopes, moradora no sítio da Ladeira, sobranceiro à vila do Porto Moniz.

“Foi uma noite terrível. Tudo em claro”. Tudo porque com o avançar da noite que o lume viria a aproximar-se perigosamente da casa, ao ponto das autoridades terem dado ordem de evacuação.

“O lume veio para dentro do nosso terreno. O que nos salvou foi a ajuda dos bombeiros. Se não fossem os bombeiros não íamos conseguir”, admitiu, ainda de voz trémula.

“Eles (bombeiros) abriram valas ‘corta-fogo’ e foi aí que conseguimos salvar a casa quando já tínhamos lume por todo o lado”, contou à reportagem do DIÁRIO.

“Aquilo vinha de cima, vinha de lado, chegou a um momento que ficou incontrolável. Senti imenso medo”, admitiu, referindo-se aos momentos de maior aflição.

“Era três e tal da manhã, quando mandaram-me sair de casa. Só ficaram os homens para ajudar. A mim mandaram-me tirar o carro e sair de casa”. Foi o que fez, dirigindo-se para a parte baixa do Porto Moniz onde ficou o resto da noite a assistir ao temível espectáculo.

Quem também ‘não pregou olho’ foi o presidente da Câmara Municipal.

“Vi imagens terríveis nas Achadas”, disse Emanuel Câmara, referindo-se ao episódio vivido na véspera nas Achadas da Cruz, quando foi ao local para encerrar o teleférico e quase ficou cercado pelo lume que queimou grande parte da freguesia.

Depois desse susto, a longa noite iluminada pelo fogo voltou a ser de “pandemónio”, sobretudo para quem se viu obrigado a encontrar refúgio no salão paroquial, mas também para quem via o lume quase cercar a Vila do Porto Moniz.

“Se de dia já é o que é, então à noite ainda mete mais medo”, declarou.



toponímia tinham sido apagadas. As temperaturas elevadas dobraram folhas de zinco e até estalaram com as armações das vigas. Do manto eucaliptal sobram agora os paus secos e espetados, prontos a qualquer momento tombar.

O rasto de destruição maior vai desde a Maloeira ao Cabo. Porque tudo o fogo levou.

Ao raiar do dia, na rotunda da Lombada dos Marinheiros, Germano conduzia uma carrinha de 9 lugares que na madrugada anterior agigantou-se para um modelo 4x4: “Ela passou por cima de troncos e sei lá mais o quê. Tinha de chegar a casa para ajudar a mulher que não podia sozinha com aquele fogo todo”, dizia-nos. Valeu-lhe a Mitsubishi que entrara num “cenário de guerra”. Quicá a melhor e mais perfeita descrição do que viramos, comungada, de resto, também pelo presidente da Junta e pelo Manuel que deitou as mãos à cabeça quando viu as chamas descenderem a uma velocidade vertiginosa que temeu pelas 10 vacas.

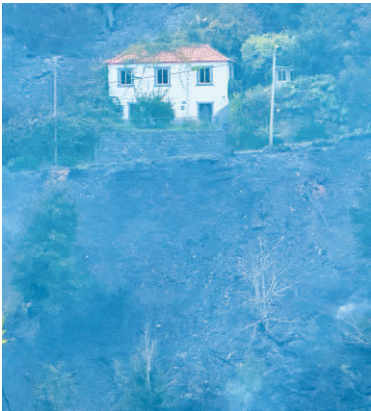
Na Ponta do Pargo existem valores que só as pessoas da freguesia sabem o que é. Salvaram-se os bens e os animais, mas não sobram pastos.

Manuel Gouveia queria muito dar o alerta às autoridades que era preciso arranjar comida para os animais, mas não havia como. As telecomunicações estavam inoperacionais. Nem luz eléctrica havia e água apenas em alguns lugares: “Felizmente já aqui passou o veedor Aleixo e já lhe manifestei a nossa preocupação porque temos mais ou menos 120 animais para dar de comer”.

Manuel e o filho olhavam para o pasto que num par de horas passou de verde a preto. “Está tudo queimado. Não sobrou nada para elas comerem”, acentuava a preocupação pela falta de ração que ao meio-dia estava solucionada.

“Os produtores podem vir buscar as rações ao mercado abastecedor, bem como aqueles que foram atingidos nas colheitas podem passar por lá e verificar as ajudas que vão ser disponibilizadas”, manifestava o presidente da Câmara, estabelecendo um balanço aos fogos. A essa hora Carlos Teles já sabia que o principal suspeito de ter ateado o fogo tinha sido detido.

A essa hora a maior preocupa-



Um “cenário de guerra” foi a frase descrita por alguns moradores da Ponta do Pargo e Fajã da Ovelha.

## DOIS INCÊNDIOS ACTIVOS NA MADEIRA

■ Na conferência de imprensa relativamente ao ponto de situação dos incêndios activos na Madeira, o secretário regional de Saúde e Protecção Civil, Pedro Ramos, avançou que, ontem à noite [21 horas] estavam activos dois focos de incêndio na Madeira: um na Calheta e outro Porto Moniz. No teatro de operações, 69 operacionais, 14 veículos e 25 elementos da Força Especial da Protecção Civil estavam a combater as chamas na Calheta e no Porto Moniz combatiam 22 veículos e 55 operacionais.

“São apenas reacendimentos, não consideramos ainda como extintos ou dominados, mas sim estão a ser monitorizados e acompanhados pelos meios”, disse.

■ Destes incêndios, cinco casas ficaram destruídas - duas devolutas (uma na Calheta e outra no Porto Moniz) e três habitadas, onde duas famílias ficaram em casas de familiares e uma voltou a casa, pois os danos eram superficiais.

■ Pedro Ramos avançou que a Força Especial de Protecção Civil ficará pelo menos até segunda-feira na Madeira. “Enquanto durar esta activação da Comissão Regional da Protecção Civil, até segunda-feira esta Força Especial dos Bombeiros estará connosco. Estará a ajudar, a colaborar e depois faremos o ponto da situação”, confirmou.

■ A concluir, anunciou que os utensílios do lar localizado na zona dos Lamaceiros, no Porto Moniz, receberam luz verde para voltar ao lar.

ção do autarca residia na Fonte do Bispo onde se mantinha uma frente de fogo activa e enquanto os bombeiros não extinguiram o fogo, coordenava a equipa municipal para que nada faltasse.

“Vamos ver se ainda hoje conseguimos repor a luz eléctrica, a água e as telecomunicações na Ponta do Pargo que tanto fazem falta às pessoas da freguesia”, resumia aos jornalistas, ainda de colete da protecção civil vestido mas já não se via a equipa dos elementos do Comando Regional de Operações de Socorro que a essa hora já não estavam na rotunda de acesso ao Paul do Mar, local onde durante mais de 24 horas ficou instalado.

## SUSPEITO APANHADO PELA PJ EM CASA

■ Era sensivelmente 11h07 quando chega o alerta ao DIÁRIO: “Neste momento o suspeito está sendo preso”.

Os elementos da PJ tinham chegado a uma moradia situada no Lombo da Rocha, a escassos metros do local da ignição, e prontos para deter o homem conhecido na freguesia e que no dia anterior tinha estado envolvido numa zaragata. O indivíduo foi levado ao local do

crime já algemado, um terreno baldio, cheio de mato seco e rasteiro, próximo de uma gasolinheira, numa tentativa de reconstituir o que se passou na tarde, noite anterior. Minutos depois de estar na zona incendiada foi encaminhado para uma viatura pelos inspectores que transportaram-no para a sede da PJ no Funchal, onde uma hora depois saíra um comunicado a confirmar a detenção.

Entretanto, outra equipa da PJ continuava na habitação procedendo ao levantamento de provas periciais que pudessem provar que estavam diante do autor do crime. Uma movimentação policial e aparato que geraram muita curiosidade na vizinhança, sobretudo pela forte presença de carros com elementos da PJ que não passaram despercebidos na pacata localidade.



Elementos da PJ levaram suspeito ao local da ignição do incêndio.



## ● INCÊNDIOS



Albertina perdeu a casa e todo o recheio. Ficou apenas a roupa do corpo.

# E tudo o fogo levou

**A FREGUESIA DA PONTA DO PARGO 'CHORAVA' PELAS PERDAS E PELO CENÁRIO NEGRO**

**VICTOR HUGO**  
vhugo@dnoticias.pt

Albertina perdeu a maior riqueza deixada pelos pais: a casa. Nunca imaginou que seria um fogo tão cruel e tão impiedoso que lhe iria roubar a herança preservada com suor, amor e carinho. Em minutos o “cantinho” transformou-se em cinza. De pé ficaram as paredes e a porta de alumínio da cozinha.

Lá dentro o frigorífico branco destoava com o negro dos utensílios. Nada mais restou do número 39. Só o que tinha levado na viagem ao Por-

to Santo, um passeio esperado há muito, afinal de contas há 12 anos que não ia à ilha. A alegria da sexagenária de repente virou tristeza e os sorrisos em lágrimas quando soube que a freguesia estava arder. Só não sabia quanto e a dor que teria.

O pesadelo da noite de “inferno”

de quinta-feira deu lugar à desolação quando, ao raiar do sol, tomou consciência que apenas lhe sobravam pedras sobre pedras.

“E agora o que há de ser de mim”, questionava repetidamente enquanto a equipa da Segurança Social e da Câmara Municipal da Ca-

lheta providenciavam os primeiros apoios. Entre choros e soluços o quadro dantesco não estava só no primeiro sítio da freguesia. Estava também no Salão e na Corujeira que o diga a Fátima que nunca viu coisa igual, dizia-nos num sotaque castelhano quando descíamos a es-

trada. Atrás vários palheiros ardi-dos ainda fumegavam.

Para aqui chegar foi preciso percorrer a antiga entrada 101 com vestígios de que por ali passou algo de muito poderoso. O calor das chamas derreteu postes de luz eléctrica, ecopontos e as letras da

## 22 VACAS MORTAS E MUITOS PORCOS SUCUMBIRAM

■ O fogo não poupou os animais que ficaram encurralados pelo lume que chegou às serras onde pastavam.

De acordo com o presidente da Cooperativa, a estimativa inicial aponta para 22 vacas que sucumbiram, algumas também nos palheiros, mas os números podem subir nos próximos dias quando os criadores encontrarem os animais que podem



eventualmente estar perdidos. A este número somam-se as perdas de muitos porcos e de galinhas que os donos tinham em suas casas. A prioridade foi salvar os bens não havendo sequer tempo para libertar estes animais.

Há também, pelo que se consta no terreno, uma quantidade menor de cães e gatos que continuam desaparecidos.



# Laurissilva queimada no Galhano e na Fonte do Bispo

MARCO LIVRAMENTO  
mlivramento@dnoticias.pt

Os incêndios que na quinta-feira ganharam proporções consideráveis nos concelhos da Calheta e do Porto Moniz, depois de terem varrido grande parte da área urbana das freguesias dos Prazeres, Ponta do Pargo, Achadas da Cruz e Porto Moniz, galgaram a zona de floresta de transição e rapidamente chegaram à floresta Laurissilva.

Ontem, ao final do dia, parte da floresta indígena da Madeira, que está classificada como Património Natural da Humanidade, era consumida pelas chamas, sobretudo nos perímetros do Galhano e da Fonte do Bispo.

Num balanço da situação, Manuel Filipe dava conta, ao DIÁRIO, de que duas frentes tinham subido, respectivamente, do Porto Moniz e da Calheta, ameaçando a floresta nativa que goza de um estatuto especial de protecção. Além disso, o fogo passou por algumas áreas incluídas na Rede Natura 2000, que contam com Zonas Especiais de Conservação (ZEC), ao abrigo da Directiva Habitats, e Zonas de Protecção Especial (ZPE), ao abrigo da Directiva Aves.

O presidente do Instituto das Florestas e Conservação da Natureza (IFCN) descrevia que toda a envolvente que sobe da conjugação dos Lamaceiros com a vertente esquerda da estrada regional que sobe desde as Portas da Vila, onde anualmente se realiza a 'Feira do Gado', até à descida para o Galhano tinha sido bastante afectada, pendendo algumas centenas de metros em direcção ao vale da Ribeira da Janela. Depois do Galhano, em direcção ao Paul da Serra e ao Rabaçal, havia pequenos focos, que ao fecho desta edição ainda consumiam a floresta, apesar dos esforços para conter os seus avanços.

Também na pendente que sobe dos Prazeres, Ponta do Pargo e Achadas da Cruz em direcção à Fonte do Bispo foi severamente afectada (no afunilamento entre a estrada regional que sobe dos Prazeres e a que sobe da Santa do Porto Moniz). Ao final do dia de on-

tem, toda a zona envolvente ao Posto Florestal que ali existe motivava sérias preocupações.

E se logo pela manhã o responsável pelo Instituto das Florestas referia a voracidade das chamas e apontava, ainda assim, que o fogo tinha consumido sobretudo urzal, ao final da tarde a análise já era um pouco diferente. A situação estava "muito mais controlada", mas "houve floresta indígena que ardeu", referindo-se à Laurissilva. "Agora temos de fazer o levantamento de todos os prejuízos", resignava-se, realçando que nestes dias a preocupação foi combater o fogo.

Também nos últimos dias, na zona do Paul da Serra, o incêndio que subiu do Arco da Calheta, devastou uma extensa área de urzal que havia sido recuperado há cerca de 40 anos e que estava perfeitamente estabelecido, nomeadamente em todo no Pico da Urze, nas imediações da estalagem que ali existe.

## Meios no terreno escassos para o combate ao fogo

O combate a estes focos de incêndio em espaço florestal, onde não existem habitações, foi remetido, de certa forma, para segundo plano, já que a prioridade foi acautelar pessoas e bens, direccionando os meios disponíveis para as zonas de urbanizadas,



Depois de calcinar a floresta de transição, o fogo alcançou a floresta Laurissilva em diferentes locais. FOTOS OD

## ONTEM À NOITE O FOGO AINDA LAVRAVA NA ZONA DO GALHANO E DA FONTE DO BISPO

onde, ainda assim, as populações dizem ter sido escassos.

Ontem, nas zonas de floresta, pelo menos até meio da tarde, quando foram em auxílio alguns bombeiros regionais, o combate ao fogo foi assegurado apenas por 30 operacionais do IFCN, entre polícias florestais (12), sapadores florestais (10), vigilantes da natureza,

entre outros funcionários, auxiliados por quatro escavadoras, que abriram alguns aceiros.

Mais tarde, no início da noite, parte dos bombeiros vindos do continente foi destacada para a zona do Galhano, onde existia uma significativa e importante mancha de Laurissilva, com espécies únicas, para tentar controlar os fogos activos.

## Perdas incalculáveis e serviços 'aburguesados'

Conhecedor de toda a zona afectada, e ainda sem ter estado nos locais afectados pelo fogo, Rocha da Silva diz ser "uma pena" a devastação que se perspectivava para a zona do Galhano e da Fonte do Bispo.

De caminho, lamenta o "fundo"

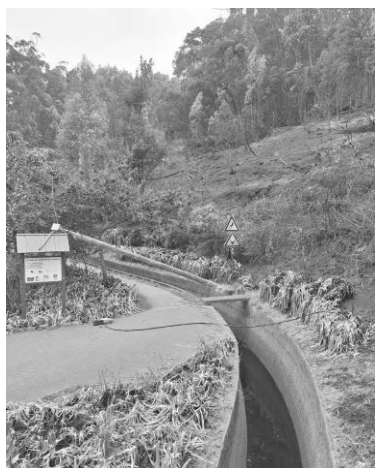
em que a gestão da floresta tende a cair, em parte ditada pela dependência dos fundos vindos da Europa, que não sustentam serviços administrativos e subjugam a gestão pública a contratos de prestação de serviços.

"Os serviços públicos aburguesaram-se", constata aquele que foi director regional das Florestas durante várias décadas de anos. E di-lo pensando que os técnicos têm de sair dos gabinetes, pois "a conservação da natureza faz-se também do contacto com as populações" e com os profissionais que estão no terreno.

No seu ponto de vista, é preciso apostar na "inclusão das pessoas" neste cuidado com a floresta.

## Percursos pedestres encerrados

Os percursos pedestres classificados que se encontram nos dois concelhos afectados por estes incêndios vão permanecer encerrados ao longo do dia de hoje, depois de nos últimos dias já terem estado condicionados. Se em algumas situações a interdição ocorreu por precaução, noutros casos, os trilhos foram mesmo apanhados pelas chamas. É o caso do Caminho Real do Paul do Mar (PR19), que desce dos Prazeres para aquela vila de pescadores, pela encosta onde, na quarta-feira à noite, teve início o fogo que depois alastrou às zonas vizinhas, até chegar ao Porto Moniz.



Queimado ficou, também, todo o percurso da Levada do Moinho (PR 7), que nasce na zona de partilha das Achadas da Cruz com a Ponta do Pargo, seguindo depois até às Portas da Vila, no Porto Moniz. Na lista de percursos classificados encerrados incluem-se, também, vários na zona do Rabaçal, nomeadamente a Levada das 25 Fontes (PR 6), a Levada do Risco (PR 6.1), a Levada do Alecrim (PR 6.2), a Vereda da Lagoa do Vento (PR 6.3), a Vereda do Fanal (PR 16) e a Levada dos Cedros (PR17). Embora não façam parte dos percursos classificados, deve ser consi-

derada, também, a situação crítica em que se encontram alguns trilhos bastante percorridos por locais e turistas, como é o caso do Galhano e da Levada da Ribeira da Janela, onde ficou retido o grupo de 13 estrangeiros na passada quinta-feira; da Levada do Brasileiro, que terá sido seriamente afectada pelo fogo; a Levada Nova, em várias secções entre o Arco da Calheta e Ponta do Pargo; da Vereda do Calhau das Achadas da Cruz; da Levada da Fonte do Folhado, nas imediações da Fonte do Bispo; e da Levada do Paul, entre a subida dos Canhas e o Rabaçal.

IFCN



## ● INCÊNDIOS

# População defende que ajuda deveria ter chegado mais cedo

ANDREÍNA FERREIRA  
aferreira@dnoticias.pt

Quem perdeu o que tinha não esconde a revolta e, apesar de compreender que os bombeiros da Região não tinham mãos a medir, defende que “se os do continente tivessem chegado mais cedo, se calhar evitava-se a perda de alguns bens”.

Alguns residentes na Calheta e Porto Moniz dizem que houve várias zonas sem um único carro de bombeiros e criticam o tempo entre o pedido de ajuda feito ao continente e a hora em que foram para o terreno, “quando tudo já estava praticamente controlado”.

“Contamos com a ajuda dos vizinhos e de gente que nem conhecíamos e que nos ia deitando a mão. Não se compreende para que é tanta burocracia quando há um avião a pouco mais de uma hora que os trazia rapidamente ainda ao início da noite”, lamentou uma moradora do Porto Moniz.

Contactado pelo DIÁRIO, o presidente da Junta de Freguesia da Ponta do Pargo, José Manuel Jardim, admitiu que recebeu algumas queixas da população a dar conta da falta de meios que, apesar do empenho, não conseguiram chegar a todo o lado.

No entanto, acredita que “mesmo que houvesse o dobro dos bombeiros no terreno era difícil apagar este fogo devastador”, mas admite que “isso talvez pudesse evitar a perda de alguns bens”.

Também o presidente da Junta

de Freguesia da Fajã da Ovelha, Gabriel Neto, confirmou este descontentamento por parte da população e admitiu compreender esta angústia que “sentiu na pele”. “Nesta altura de angústia toda a ajuda é pouca, quanto mais gente e mais cedo melhor”, disse.

## 54 bombeiros do continente

Tal como o DIÁRIO noticiou, nesta operação estiveram envolvidas todas as corporações de bombeiros da Região. A ajuda de Lisboa foi oficializada ao início da tarde de quinta-feira, tendo os elementos chegado à Madeira na tarde de ontem para apoiar no combate aos incêndios.

Por volta das 12h30 chegou o primeiro avião com a primeira equipa e, pelas 15 horas, a segunda equipa estava também a chegar ao RG3, tendo começado a preparar todo o material para o combate às chamas que já estavam bem mais calmas.

Nesta força estiveram envolvidos 54 bombeiros da Força Especial de Protecção Civil (FEPC), 1 médico e 3 técnicos de emergência pré-hospitalar do Instituto Nacional de Emergência Médica e 6 operacionais da área da gestão e logística da ANEPC, informou o Serviço Regional de Protecção Civil.

No terreno esteve o Comandante da FEPC, acompanhado pelo comandante desta força, de forma a ficarem ao corrente de toda a situação assim como dos trabalhos que seriam desempenhados no âmbito da missão que lhes iria ser atribuída pelo Comandante das Operações de Socorro.



Ajuda de Lisboa chegou ontem à tarde quando o fogo já estava bem mais calmo



Bombeiros do continente vão ficar alojados no RG3. FOTOS MIGUEL ESPADA E DR

## 66 pessoas assistidas nas unidades de saúde

Até às 19 horas de ontem, foram assistidas nas unidades de saúde da Região, sobretudo das áreas afectadas pelos fogos, 66 pessoas, maioritariamente com queixas ligeiras.

De acordo com os números apontados por Pedro Ramos, 30 dessas pessoas foram assistidas no Centro de Saúde do Porto Moniz, quatro das quais acabaram sendo transferidas para o Hospital Dr. Nélcio Mendonça, por necessitarem de cuidados diferenciados. Nesse conjunto estavam incluídos um

bombeiro e uma idosa com 80 anos vítimas da inalação de fumo; uma senhora, na casa dos 40 anos, com queimaduras; e um jovem de 13 anos, com suspeita de fractura num ombro.

A par destes, no Centro de Saúde da Calheta foram assistidas 18 pessoas, outras 17 em São Vicente e uma no hospital. Entre os atendidos em São Vicente estão os 13 turistas que foram resgatados da Levada da Ribeira da Janela, pelos Voluntários Madeirenses. **M.L.**

## 400 ficaram sem luz, muitos sem telefone e alguns sem água

Consequência dos incêndios dos últimos dias na Calheta e no Porto Moniz foi a destruição de algumas estruturas da rede de distribuição de energia eléctrica, nomeadamente postes e cabos.

Embora os profissionais da Empresa de Electricidade da Madeira (EEM) tenham ido para o terreno logo na primeira hora, não conseguiram evitar que 400 consumidores ficassem sem luz, 350 no concelho da Calheta, onde foram destruídos 18 quilómetros de rede, e ou-

tros 50 no concelho do Porto Moniz, devido à destruição de cinco quilómetros de rede.

Os números foram apontados por Pedro Ramos, ontem, nas conferências de balanço. Ao final do dia, a energia eléctrica já tinha sido reposta a 100 destes consumidores.

O governante com a tutela da Protecção Civil deu conta, também, da falha nas comunicações, fixas e móveis (sobretudo da Altice). Na Ponta do Pargo a rede de telemóvel foi reposta ao final do dia de ontem; nas

Achadas da Cruz e na Santa do Porto Moniz os telefones estão operacionais desde ontem à noite; na Fajã da Ovelha a reposição das comunicações deverá acontecer até à hora do almoço de hoje na rede fixa e até final do dia na móvel; nos Lamaceiros, tal só acontecerá em meados da próxima semana.

Quanto à água, tanto potável, como de rega, os constrangimentos foram pontuais em diferentes locais, alguns devido a derrocadas, e estão a ser solucionados. **M.L.**